

A EXTENSÃO NA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA: INSERÇÕES COM INFÂNCIAS NO CONTEXTO HOSPITALAR

VITOR SAQUETE RODRIGUES¹; SOL ANDRADE²; HARDALLA SANTOS DO VALLE³

¹*Universidade Federal de Pelotas – vitorsaquete@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – andradecontorenata@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – hardalladovalle@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O Grupo de Estudos e Pesquisas das Infâncias (GEPI)¹ a partir do projeto de extensão "*Infâncias no ambiente hospitalar: contribuições da escuta e da brincadeira*"² efetiva, numa parceria com o projeto *Classe Hospitalar*³, inserções no Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que é vinculado à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH).

A parceria da Faculdade de Educação (FaE) com o Hospital Escola da UFPel foi iniciada no ano de 2022, com o projeto Classe Hospitalar (coordenado pelo Prof. Lui Nörnberg-FaE/UFPel), que desenvolveu estudos e ações pedagógicas. Todavia, foi no ano seguinte, com a inserção do projeto "Infâncias no ambiente hospitalar: contribuições da escuta e da brincadeira" (coordenado pela Prof.^a Hardalla do Valle-FaE/UFPel), que iniciamos as inserções diárias de graduandos do curso de Pedagogia. Cabe mencionar que, esses projetos contribuem para a relação intersetorial entre Educação e Saúde na Universidade Federal de Pelotas.

Nas inserções, com a contribuição e supervisão da pedagoga hospitalar Adriana Coutinho, são atendidas crianças internadas na ala pediátrica do hospital, entre as manhãs de terça-feira a sexta-feira. Os integrantes dos GEPI e da Classe Hospitalar, organizados a partir de um cronograma, se revezam no atendimento a essas crianças, com as mais variadas enfermidades. Logo, neste trabalho objetivamos apresentar as inserções desenvolvidas pelos GEPI junto ao hospital. Como questão de pesquisa, propomos: como funciona o trabalho pedagógico que o GEPI vem desenvolvendo no Hospital Escola da UFPel? Essa investigação se justifica pela necessidade de pensarmos os espaços de saúde e educação das infâncias, bem como, sobre o papel do profissional da pedagogia no âmbito hospitalar.

¹ É liderado/CNPq pela Prof.^a Dr.^a Hardalla do Valle e tem como proposta desenvolver estudos envolvendo questões emergentes, situações e ações relacionadas à(s) infância(s), com a perspectiva de ampliar, fortalecer e divulgar debates sobre/com as crianças. O GEPI está vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FaE/UFPEL). Sua equipe atua em diferentes espaços sociais, cujas crianças tornam-se o eixo central do debate sobre práticas educacionais, processos sócio-históricos, políticas públicas e processos culturais.

² Com base no campo da Sociologia da infância, este projeto tem como foco a realização de inserção de graduandos(as) do curso de Pedagogia na brinquedoteca do Hospital Escola da UFPel. Tal iniciativa, prevê a realização de brincadeiras e escutas das crianças que passam por uma situação de internação.

³ O projeto da classe hospitalar visa promover processos de ensino-aprendizagem, a humanização, a socialização e a adaptação do paciente/aluno através de atividades pedagógicas diretas e indiretas e de práticas alternativas, por meio de uma escuta sensível.

2. METODOLOGIA

Para a construção desse trabalho foram necessárias inserções ecológicas na brinquedoteca do Hospital Escola, para acompanhamento pedagógico das crianças internadas. Além de estudos bibliográficos sobre o papel do profissional da Pedagogia no ambiente hospitalar e a pluralidade das infâncias. A inserção ecológica é uma proposta metodológica desenvolvida por Cecconello e Koller (2003), que tem como objetivo avaliar os processos de interação das pessoas no contexto no qual estão se desenvolvendo. Já os estudos bibliográficos, para Monteiro, Caetano e Araújo (2010), são definidos como uma busca por produções acadêmicas desenvolvidas acerca dos temas de interesse do(a) pesquisador(a).

Acrescenta-se que, para ingressar na brinquedoteca do HE-UFPel, os membros do GEPI realizaram uma capacitação com a Unidade de Saúde Ocupacional e Segurança do Trabalho da UFPel, que visa promover a apropriação de protocolos básicos para a atuação em um lugar em que há riscos de contágio. Também tiveram que atualizar e/ou complementar vacinas essenciais para a proteção da saúde de todos os envolvidos.

Durante o primeiro ano foram realizadas diversas leituras que auxiliaram a perceber a função do pedagogo hospitalar. O GEPI também debateu sobre ética e uso de imagem das crianças e desenvolveu dois termos de uso de imagem, em que o primeiro é assinado pelos pais ou responsáveis da criança e o segundo por ela mesma. Desta forma, respeitando o protagonismo das crianças sobre a sua identidade e os seus corpos. Tem sido interessante ver a reação dessas, quando "assinam"⁴ concordando (ou não), pois também existem as crianças que não gostam ou não querem tirar fotos e a sua opinião é a que prevalece.

Numa realidade dessas, os profissionais da saúde e da educação envolvidos precisam adotar um modo de agir profissional em que a inclusão da família no cuidado é indispensável, pois a experiência de uma doença ameaçando a vida de uma criança, desafia o equilíbrio não só da própria criança, mas o do seu sistema familiar. Nesse caso, como essencial para o cuidado da criança, amparar as bases de seu apoio familiar é fundamental, pois essas bases compõem os alicerces do desenvolvimento integral da criança (SILVA e ALMEIDA, p. 34-35, 2016).

A relação com os familiares, acompanhantes das crianças, foi uma questão bastante discutida pelo GEPI neste semestre e formações sobre o tema estão agendadas. Destaca-se que, sempre que alguma insegurança ou fragilidade no desenvolvimento da extensão foi relatada, foram organizadas formações. Outros professores ou profissionais da saúde, foram convidados para dialogarem com o grupo, apresentando as suas pesquisas, sugerindo atividades e auxiliando na superação dos desafios. Como exemplos, pode-se mencionar: a Prof. Dra.^a Adriane Bersch (FURG) que abordou o brincar no contexto hospitalar e a sua importância para a melhora da criança, a Prof.^a Esp.^a Ana Garima (Neuropedagoga), que abordou o conceito e desenvolvimento de Tecnologias Assistivas e a Prof.^a Dra.^a Elisa Vanti (UFPel) que dialogou sobre a forma de como podemos nos relacionar com bebês e trabalhar com eles no hospital. Aponta-se que, não são todas as crianças que podem ser levadas para a brinquedoteca. Existem casos, em que podemos estar com as crianças e as suas famílias, apenas no próprio leito. As formações auxiliaram na percepção de quais movimentos poderiam ser desenvolvidos diante desta demanda.

⁴ As crianças, alfabetizadas e não alfabetizadas, registram o seu assentimento da forma que escolhem. Pode ser a escrita do seu nome, um desenho, uma pintura, entre outros.

Destaca-se ainda, que os resultados das inserções sempre são conversados. Após, são realizados relatórios de atividades e individuais de cada paciente. Esses materiais, utilizamos para análise e aperfeiçoamento de nossas práticas, assim como reflexões.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

As crianças passam muitos dias nos leitos, num lugar desconhecido, repleto de pessoas desconhecidas que utilizam máscaras. Sua casa, escola, objetos e afetos não estão mais na sua rotina. Em maior número, a pessoa que acompanha as crianças é a mãe. Em seguida, são encontradas as avós e os pais. De forma comum, o adulto que fica com a criança no leito, está preocupado, cansado e emocionalmente abalado. Tudo isso, torna aquela experiência estressante. Quando os membros do projeto se apresentam para a criança e o seu acompanhante, é nítido que todos se mostram alienados à ação de “brincar”, podendo ocorrer até mesmo certa estranheza. No primeiro contato, os(as) pedagogos(as) em formação conversam sobre sua atuação dentro do projeto e do hospital. Convidam a criança para brincar na brinquedoteca ou no próprio leito e solicitam as assinaturas dos termos de imagem. Tudo influencia na criação de um ambiente receptivo, para que a criança, como protagonista daquele contexto, possa se expressar, colocar para fora sentimentos reprimidos, brincar e gastar a energia acumulada por tanto tempo em um leito, usando sua imaginação e criatividade.

Os responsáveis também fazem parte desse processo, pois são efetuadas conversas com eles durante a ação, o que nos possibilita compreendê-los, assim como, entender os gostos e a rotina da criança. Muitas vezes, os acompanhantes estão sozinhos há muito tempo dentro do hospital, por conta da internação, e encontram em nós um ombro amigo para conversar e expressar seus sentimentos. São inúmeros os relatos de pais que nos procuraram para conversar durante o atendimento das crianças. Nesses encontros eles afirmam a importância de terem alguém para conversar e expressar aquilo que estão sentindo e vivendo.

Com os bebês, incentivamos a sua corporeidade e buscamos registrar as suas variadas formas de comunicação. Também buscamos atuar na presença das figuras paternas, que mostram-se menos envolvidas, tanto na brinquedoteca, quanto nos leitos, auxiliamos nas trocas de fraldas e na compreensão das angústias e comunicação da criança. Ao lidarmos com as crianças mais velhas, são elaboradas narrativas e contextos de atividades, por meio do brincar. Assim, por meio do movimento de narrativa, percebe-se e analisa-se a fala e o brincar da criança, consegue-se perceber a história que está contando sem utilização de palavras, durante o brincar muito se aprende e muito se conhece sobre ela (PASSAGI; ROSA, p. 41-42, 2012), pois ele vem de um contexto ao qual a mesma está incluída e suas vivências prévias.

Costa e Sarmento (2018) destacam que a escuta é um dos principais processos de comunicação. A partir dela, busca-se ouvir, interpretar e construir significados que não se limitam apenas ao conteúdo da fala, mas abrangem também fatores socioculturais e emocionais, que são percebidos a partir da atenção e da partilha entre os presentes.

4. CONSIDERAÇÕES

A inserção dos pedagogos no contexto hospitalar é configurada como algo recente. Ainda há muita estrada pela frente para que a sua atuação seja conhecida e valorizada. Embora exista a Lei 13.716 de 2018, que determina o atendimento educacional à criança internada por tempo prolongado, o GEPI acredita que o seu trabalho tem contribuído para que ela se efetive e seja divulgada. Nesse quadro, adiciona-se a luta do grupo para que toda formação pedagógica considere esta possibilidade de atuação profissional.

Com este trabalho de extensão, diversas crianças internadas relataram estarem se sentindo melhor após os atendimentos. Muitos acompanhantes, utilizaram e utilizam desse espaço criado para descansarem ou conversarem, pois estar em um ambiente hospitalar, sem saber o que vai acontecer é exaustivo. Esses movimentos, auxiliam a permanência e qualificação da brinquedoteca. Tudo é pensado e realizado, a partir do diálogos entre os membros do grupo, a orientadora do projeto e a supervisora que atua no HE-UFPel, com a partilha de informações e respeito por todas as partes.

Conclui-se a escrita com uma relato de caso, em que, próximo ao horário de finalização do expediente, uma criança de 3 anos foi levada até os membros do GEPI porque a sua mãe precisava sair para fazer algo. Não demorou mais do que um simples diálogo, um movimento de acolhimento, para que ela se organizasse e se sentisse calma. Nesse cenário é vista a importância das relações sociais, da escuta ativa e do respeito às infâncias. A solicitação de colaboração no atendimento da criança, evidencia que a presença de pedagogos(as) no contexto hospitalar é, para além de agregadora, necessária para que o hospital seja, de fato, um espaço das infâncias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CECCONELLO, A. M.; KOLLER, S. H.. Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. **Psicologia: Reflexão e crítica**, v. 16, p. 515-524, 2003. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/prc/a/prz4cVcRXNM6vwLW9zgS5Cd/>>. Acesso em: 21 de ago de 2024.
- COSTA, C. L.; SARMENTO, T.. **Escutar as crianças e (re) configurar identidades: interações com voz**. Revista Educação em análise., Londrina, v.3, n. 2, p.72-94, jul/ dez. 2018. Disponível em:
<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/60288/1/Escutar%20as%20crian%C3%A7as%20nos%20anos%20iniciais%20e%20afirmar%20a%20nossa%20identidade%20profissional.pdf>
- MONTEIRO, F. P .M.; CAETANO, J. A.; ARAÚJO, T. L.. Enfermagem na saúde da criança: estudo bibliográfico acerca da avaliação nutricional. **Escola Anna Nery**, v. 14, p. 406-411, 2010. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/ean/a/CpXTzgq6Q6nGpB33sGtJQjy/>>
- PASSAGGI, M. da C.; ROCHA, S. M. da. **A pesquisa educacional com crianças: um estudo a partir de suas narrativas sobre o acolhimento em ambiente hospitalar**. Revista: Educação em Questão, Natal, vol. 44, núm. 30, p. 41-42, sep. 2012. Disponível em:
<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4080/3347>
- SILVA, M. B.; ALMEIDA, O. A. de. **BRINCAR E APRENDER EM HOSPITAIS: ENFRENTAMENTO DA DOENÇA NA INFÂNCIA**. Revista Educativa, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 34-35, jan./abr., 2016. Disponível em:
<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/5014/2768>